

# FESTAS RAVE: DE TERRITÓRIOS AUTÔNOMOS À TERRITÓRIOS DE CONTROLE<sup>1</sup>

Alexandro Francisco Camargo<sup>2</sup>

## RESUMO

Este estudo tem como objeto de análise as Festas *rave*, que são movimentos festivos intensos, baseados em música eletrônica (repetitiva e tribal), executadas em *pick ups* (pratos toca-discos de vinil) por *dee jays (djs)*, em lugares não-convencionais. A pesquisa teve como objetivo identificar se as festas *rave* são territórios TAZ - Zona Autônoma Temporária - um conceito que Hakim Bey criou para designar espaços onde a presença do Estado é mínima ou inexistente, portanto, territórios considerados de libertação.

**Palavras-chaves:** Geografia, Festas *Rave*, Zona Autônoma Temporária (TAZ).

## EI RESUMEN

Este estudio tiene como objeto del análisis que las fiestas *rave*, de que son movimientos festivos intensos, basados en la música electrónica (repetidora y tribal), ejecutada adentro escoge sube (los tocadiscos del vinilo de las placas) para los *jays de Dee (djs)*, en not-conventionals de los lugares. La investigación tenía como objetivo a identificar si el delirio de las fiestas es los territorios TAZ - zona independiente temporal - un concepto que Hakim Bey creado para asignar espacios donde está mínima o inexistente la presencia del estado, por lo tanto, los territorios considerados del lanzamiento.

Palabra-llaves: Geografía, fiestas *rave*, zona independiente temporal (TAZ)

---

<sup>1</sup> Artigo produzido a partir da pesquisa de mestrado intitulada “Festas Rave: uma abordagem da Geografia Psicológica na identificação de Territórios Autônomos”, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Prof. Ms do Departamento de Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Campus de Cáceres. (xicco460@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

No final dos anos de 1980, surgem as festas *rave*. Nascidas, fortalecidas e advindas da produção da música eletrônica, foram organizadas em espaços abertos fora do perímetro urbano das cidades ou em galpões abandonados da periferia, ao som da música hipnótica *tecno*<sup>3</sup> e do uso de drogas como o *Ecstasy*<sup>4</sup>. A música, "executada" em *pick ups* (pratos toca-discos de vinil) por *dee jays*, envolvia os *clubbers*<sup>5</sup>, *ravers*<sup>6</sup> em danças por horas a fio, numa grande celebração tribal de alegria e êxtase.

Acontecendo fora das mídias de massa, nessas festas sempre foram usados suportes de divulgação independentes das mídias comerciais. *Flyers*<sup>7</sup>, telefones móveis, sites, *chats*, listas de discussão na Internet eram os principais recursos de divulgação dos eventos e idéias em torno da música eletrônica, sempre baseados na alta tecnologia. A festa, portanto, foi marcada pelas características do *underground* - música experimental sem caráter comercial, distribuição independente de CDs e Vinis, formas alternativas de informação e exploração de espaços periféricos.

Hakim (1998) traz para a discussão o conceito festa *rave* como uma TAZ - Temporary Autonomous Zone - , uma zona temporária e autônoma, caracterizada pela utopia da desvinculação das referências da sociedade, sem regras e com liberdade. As festas *rave* são organizadas como algo separado da sociedade estabelecida, como um movimento subterrâneo e, por isso, são consideradas sub-cultura de evasão. É por constituir esses espaços aparentemente 'fora' da sociedade que ela pode estabelecer seu próprio sistema de valores, sua própria moralidade, e suas próprias regras ou falta delas. É a constituição de territórios autônomos.

---

<sup>3</sup> "Gênero que se caracteriza por batidas aceleradas sobre timbres muito diferenciados, criados em função do teclado Roland TR-808. É intenso e reto, mais ou menos suingado de acordo com o lugar onde é feito. Tem muitos subgêneros, o que varia os b.p.m entre 120 e 140. O nome do estilo foi tirado do livro *A terceira Onda*, de Alvin Toffler, que fala de um grupo de pessoas rotuladas como tecno-rebeldes." (FERLA, 2004, p. 93)

<sup>4</sup> Droga sintética, que cientificamente é conhecida por "MDMA (3,4-metileno-dioximetilamfetamina)". (LALLEMAND & SCHEPENS, 2002, p.129)

<sup>5</sup> "Frequêntadora assíduo de um clube [...]" (FERLA, 2004, p. 93)

<sup>6</sup> Frequêntador assíduo de *raves*.

<sup>7</sup> "Folheto distribuído manualmente para divulgar uma festa". (FERLA, 2004, p.89)

Porém, este cenário apresentado refletia uma dimensão espaço-temporal de Londres, na década de 1980. Globalizadas, estas festas se expandiram no contexto festivo de muitos países, incluindo o Brasil.

As versões sobre o início das festas *rave* no Brasil não são consensuais, eventos diferentes são eleitos como a primeira ocorrência brasileira. Mesmo assim, 1995 é o ano aceito, genericamente, como ano de partida das *raves* no país. Sua origem remonta ao cenário paulistano, ainda que sob influência de experiências nas praias de Arraial D'Ajuda e Trancoso, sul da Bahia.

No Brasil, início do século XXI, essas festas foram apropriadas pela indústria cultural, desvirtuando os valores e significado do festejar *Rave*.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Zona Autônoma Temporária - TAZ

A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, *antes* que o Estado possa esmagá-la. Uma vez que o Estado se preocupa primordialmente com a Simulação, e não com a substância, a TAZ pode, em relativa paz e por um bom tempo, 'ocupar' clandestinamente essas áreas e realizar seus propósitos festivos. (BEY, 2004, p.18)

Eis o cerne da idéia sobre a Zona Autônoma Temporária (TAZ<sup>8</sup>, na sigla em inglês), de Hakim Bey<sup>9</sup>. Tal designação parece-nos a mais indicativa das intenções do autor: analisar e propor alternativas à luta por mudanças no mundo tal como está posto, sucumbido à globalização neoliberal com seu rastro de funestas conseqüências, gerando ou agravando a desigualdade em todos os âmbitos da vida.

---

<sup>8</sup> *Temporary Autonomous Zone*.

<sup>9</sup> Hakim Bey, pseudônimo de Peter Lamborn Wilson, nascido em Nova Iorque em 1945 é um escritor, ensaísta e poeta que se intitula como um "anarquista ontológico". Bey introduzindo o conceito de Zona Autônoma Temporária a partir de seus estudos históricos sobre as utopias piratas no fim da década de 90 foi amplamente reconhecido. Viveu dois anos na Índia, Paquistão e Afeganistão e sete anos no Irã, saindo do país durante a Revolução Islâmica. Na década de 80 influenciado por René Guénon estudou a fundo as idéias do anarquismo e do situacionismo com sufismo e Neopaganismo. Essa no entanto é uma das milhares histórias a respeito de quem seria ele, e que correm soltas pela Internet. Na verdade nunca se teve uma foto, ou um rosto que o caracterizasse. Contraditoriamente, seu anti-marketing de não aparecer para o público, despertava para o consumo de seus textos.

O conceito de TAZ não é explicitado no livro do mesmo nome<sup>10</sup>, já que o autor não deseja construir dogmas políticos e acredita que o conceito deve ser construído em ação. Apesar disso, é possível percebê-lo ao longo da leitura, a partir da crítica ao conceito clássico de revolução e de uma análise do conceito de levante. Segundo Hakim Bey:

*Levante e insurreição são palavras usadas pelos historiadores para caracterizar revoluções que fracassaram – movimentos que não chegaram a terminar seu ciclo, a trajetória padrão: revolução, reação, traição, a fundação de um Estado mais forte e ainda mais opressivo -, a volta completa, o eterno retorno da história, uma e outra vez mais até o ápice: botas marchando eternamente sobre o rosto da humanidade. Ao falhar em completar esta trajetória, o levante sugere a possibilidade de um movimento fora e além da espiral hegeliana do "progresso", que secretamente não passa de um ciclo vicioso. Surgo: levante, revolta. Insurgo: rebelar-se, levantar-se. Uma ação de independência. Um adeus a essa miserável paródia da roda kármica, histórica futilidade revolucionária. O slogan "Revolução!" transformou-se de sinal de alerta em toxina, uma maligna e pseudo-gnóstica armadilha-do-destino, um pesadelo no qual, não importa o quanto lutamos nunca nos livramos do maligno ciclo infinito que incuba o Estado, um Estado após o outro, cada "paraíso" governado por um anjo ainda mais cruel. Se a História É "Tempo", como declara ser, então um levante é um momento que surge acima e além do Tempo, viola a "lei" da História. Se o Estado é História, como declara ser, então o levante é o momento proibido, uma imperdoável negação da dialética. (...) O que foi feito do sonho anarquista, do fim do Estado, da comuna, da zona autônoma com duração, da sociedade livre, da cultura livre? Devemos abandonar esta esperança em troca de um acte gratuit existencialista? A idéia não é mudar a consciência, mas mudar o mundo. (2004, p. 15-16)*

Há desconfiança em relação à idéia de revolução (e Marx parece ser a referência não explícita) bem como aos preceitos anarquistas, na medida em que, apesar de buscarem mudanças radicais em relação ao sistema capitalista, agem dentro dele e possuem vocação para se recompor voltando ao *status quo ante* (tanto o capitalismo, como o socialismo trabalham com conceitos comuns, sendo o de progresso o mais forte deles). Daí a inserção do conceito de levante, entendido como uma experiência de pico, porquanto temporária, em contraposição ao conceito de revolução que, para o autor, adquire caráter permanente, traindo os ideais que foram sua força motriz. Para Bey, “*tais momentos de intensidade moldam e dão sentido a toda uma vida já que, ao experimentar a TAZ, algo mudou, trocas e interações ocorreram – foi feita uma diferença*” (2004, p.18).

---

<sup>10</sup> BEY, Hakim. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. Tradução de Renato Rezende. 2º ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004. Coleção Baderna.

É importante frisar que as propostas contidas na TAZ são propostas de ação, não fabulações ou meros exercícios filosóficos. Além disso, a análise do mundo contemporâneo na era do globalismo determina novas formas de confronto que, paradoxalmente, são por um lado globalizadas e por outro, localizadas.

A convivência entre diferentes movimentos em torno da luta pela mudança do mundo tal como está posto, de globalização, é um dado novo na história dos grupos sociais. Grupos diversos, com táticas, objetivos e matrizes diversas convivem em resistências pontuais que se constroem e se dissolvem momentaneamente, o que expõe, como base de união, a crença na diversidade e na pluralidade.

O que está sendo posto em xeque são os elementos definidores da revolução de matriz marxista: luta de classes, proletariado, Estado. A crise das perspectivas alternativas ao liberalismo tende a dissolver o vínculo que unem partidos e movimentos sociais numa visão conjunta sobre o futuro a ser construído.

A TAZ busca a libertação de todos os controles, enclaves libertos a partir da crença de que a vida cotidiana tem um forte potencial revolucionário. A TAZ imagina uma intensificação da vida cotidiana, a *penetração do Maravilhoso na vida*. Essa pressuposição nos remete aos movimentos iniciados na década de 1960, que inauguraram um novo fazer político ao instituir o corpo como arma revolucionária, isto é, ao trazê-lo ao centro da cena como agente fundamental de transformação: a sociabilidade cotidiana é eminentemente política. Mudanças substanciais só ocorrerão a partir da revolução pessoal.

A ação proposta pela TAZ dá-se a partir das fissuras do poder, momentos de suspensão que, ao serem deflagrados, devem desaparecer para reaparecer sob nova forma, em uma outra área.

A pirataria de dados, as transmissões não autorizadas e o fluxo livre de informações não podem ser detidos, na concepção de BEY (2004) . A TAZ ocupa espaço no mundo real e no virtual. Para o autor, o levante representa uma possibilidade muito mais interessante no que se refere a uma 'psicologia de libertação' do que aquelas possibilitadas pelas revoluções (quer sejam burguesa, comunistas, fascistas, etc).

A partir do fim da guerra fria – marcado pela queda do regime comunista nos países do leste europeu no final da década de 1990 - a bipolaridade comunismo/capitalismo deixou de ser a referência a guiar ‘corações e mentes’ e o mundo do capital global ressurgiu triunfante. As proposições contidas na TAZ buscam ocupar uma ‘terceira’ posição não contemplada pela dicotomia anterior, uma oposição pela presença (solidariedade) e pela diferença, em contraste com o monolitismo individualista contemporâneo.

O que está implícito é que valores como humanidade, solidariedade e pluralidade serão os elementos capazes de trazer novamente o homem ao centro da cena (atualmente ocupada pelo capital), libertá-lo e emancipá-lo. A TAZ se pretende uma experimentação não só de novas formas de ação política, mas de novas bases psicológicas a fim de constituir governos da liberdade. Para tanto se usam algumas táticas:

A TAZ COMO UMA TÁTICA radical consciente emergirá sob certas condições: I. Liberação psicológica. Isto é, nós devemos perceber (tornar reais) os momentos e espaços nos quais a liberdade não é apenas possível, mas *existente*. Devemos saber de que maneira somos de fato oprimidos, e também de que maneiras nos auto-reprimimos ou estamos presos em fantasias onde *idéias* nos oprimem. O TRABALHO, por exemplo, é uma fonte muito mais real de sofrimento, para a maioria de nós do que a política legislativa. A alienação é muito mais perigosa para nós do que as velhas ideologias desdentadas e moribundas. O vício mental em ‘ideais’ - que na realidade tornaram-se meras projeções do nosso ressentimento e do nosso complexo de vítima - nunca levará nosso projeto adiante. A TAZ não defende uma utopia social feita de castelos nas nuvens que diz que devemos sacrificar nossas vidas para que os filhos de nossos filhos possam respirar um pouco de ar livre. A TAZ deve ser o cenário da nossa autonomia presente, mas só pode existir se já nos considerarmos seres livres. (BEY, 2004, p. 71-72)

Uma outra tática exposta é a referente ao controle do Estado, dentro de um possível escape de sua atuação:

O aparato de controle - o ‘Estado’ - deve (ou pelo menos assim devemos pressupor) continuar a desfazer-se e petrificar-se simultaneamente, deve prosseguir em seu curso atual, onde a rigidez histórica cada vez mais mascara um vazio, um abismo de poder. Como o poder ‘desaparece’, nossa ânsia de poder deve ser o desaparecimento. (idem, 2004, p. 72)

Essa autonomia consiste em mini-sociedades que, conscientemente, buscam burlar as regras de comportamento estabelecidas pelo poder e o Estado, e que são determinadas a continuar assim, ainda que por uma temporada curta, porém legítima e

autônoma, como eram as *raves* no final da década de 1980 na Inglaterra, apontada pelo próprio BEY.

Diante de tudo isso, eis porque se considera, aqui, que a idéia de autonomia, tem um valor central na nossa discussão, acerca de possíveis vácuos de atuação do Estado nas *raves*. Para tanto, vamos nos atentar ao seu conceito, que foi discutido de maneira muito fecunda, pelo filósofo Cornelius Castoriadis:

A liberdade numa sociedade autônoma exprime-se por estas duas leis fundamentais: sem participação igualitária na tomada de decisões não haverá execução; sem participação igualitária no estabelecimento da lei, não haverá lei. Uma coletividade autônoma tem por divisa e por auto-definição: nós somos aqueles cuja lei é dar a nós mesmos as nossas próprias leis (1983, p. 22)

A autonomia constitui, portanto, a base do desenvolvimento, encarado como o processo de auto-instituição da sociedade rumo a mais liberdade e menos desigualdade.

Marcelo Souza ainda destaca que a autonomia não confere com a presença do Estado:

Uma sociedade autônoma é aquela que logra defender e gerir livremente seu território, catalisador de uma identidade cultural e ao mesmo tempo continente de recursos, recursos cuja acessibilidade se dá, potencialmente, de maneira igual para todos. Uma sociedade autônoma não é uma sociedade 'sem poder', o que aliás seria impossível (daí, aliás, a dimensão de absurdo do anarquismo clássico). No entanto, indubitavelmente, a plena autonomia é incompatível com a existência de um 'Estado' enquanto instância de poder centralizadora e separada do restante da sociedade. (2003, p. 106)

Quando examinamos isso, no contexto da *raves*, no final da década de 1980, tendo a Inglaterra como seu pano de fundo, marcada pelos conceitos do *underground*, podemos classificá-las como sendo territórios autônomos. As *raves* estavam desvinculadas das referências da sociedade. Eram uma sub-cultura de evasão. E por estar fora da sociedade, ela podia estabelecer seu próprio sistema de valores, sua própria moralidade, e suas próprias regras ou falta delas.

No próximo item iremos trabalhar com as questões especificamente da festa *Rave*, no contexto brasileiro.

## FESTAS RAVE NO BRASIL

### Momento *Underground*

Da mesma forma como a história das *raves* no mundo, o Brasil mantém mistério sobre seu surgimento. Muitos grupos desejam paternidade sobre o fenômeno festivo. O que sobra são pedaços de um imaginário coletivo que vai recolher e dispersar narrativas, as mais subjetivas, para se tecer uma linha a que se possa chamar de história.

Apointa-se que o ano de 1995 foi dado o pontapé na partida das festas *raves* no país. Sua origem remonta ao cenário paulistano, ainda que sob influência de experiências nas praias de Arraial D'Ajuda e Trancoso, sul da Bahia. (ABREU, 2005, p. 35)

Enquanto a cena londrina entrava em decadência por conta da perseguição policial, o Brasil abria os olhos para o novo fenômeno. DJs brasileiros que voltavam ao país após uma temporada na Europa começaram a se mobilizar para organizar as primeiras *raves* no Brasil.

Conforme CASTRO (2004), ao contrário da Inglaterra, em que elas sempre foram eventos marginais, no Brasil a primeira experiência dessa sonoridade que se expandia por todo o mundo, foi realizada por uma empresa. O L&M Music, realizado em 1993 e bancada pela marca de cigarros, foi o primeiro evento a trazer grandes nomes da música eletrônica para o país.

Esse evento foi considerado a primeira *rave* brasileira, o evento se diferenciava do conceito tradicional pelo fato de ser um festival patrocinado por uma grande marca e realizado em um espaço fechado. No ano seguinte a esse evento, alguns DJs que tinham feito uma temporada por Londres, realizaram a Tenda do Além, primeira festa brasileira de música eletrônica promovida de forma independente e *underground*. Realizada em São Paulo, ela começou a introduzir no Brasil o conceito de *rave* tal como havia sido concebido na Inglaterra. Era um evento independente, sem patrocínios nem alvará, com decoração produzida e variedade de atrações.

Ainda conforme a mesma autora, a partir do final do ano de 1995, quando da realização da Techno Bells, na faculdade de Química da USP, foi dado o 'ponta pé'

para o início das *raves* de forma mais sistemática no Brasil. Antes, havia festas esporádicas somente:

A idéia da Tecno Bells era ser uma alternativa para as pessoas que curtiam música eletrônica, mas não se identificavam com a cena Clubber. “Os clubes eram uma verdadeira panelinha”. Tinha uma preocupação visual e com a moda muito forte. A gente queria uma festa aberta para quem estivesse interessado na música’, lembra Camilo. A trilha sonora no momento era acid techno, acid trance, hard trance, trance psicodélico e techno.

A partir da Tecno Bells pipocaram outras festas e núcleos de organização de raves. Oribapu, Vale do Ponthoim, Cuckoland (que depois virou a Avonts e Megavonts) e Xxxperience surgiram na seqüência. (CASTRO, BEATZ nº 13, 2004, p. 24-25)

As primeiras experiências na organização de *raves* aconteceram na forma de grupos de amigos que se reuniam em torno de Djs do próprio Clã<sup>11</sup>, de modo cooperativo e não remunerado. A característica é o “*esquema desencanado, cerveja baratíssima e, nenhum conforto (tipo banheiro atrás das plantas).*” (PALOMINO, 1999, p. 135)

Os lugares escolhidos desse primeiro momento das festas eram áreas livres, e abertas, como as praias. O público é flutuante e vinculado a feriados e finais de semana prolongados. Dentro de um perímetro mais próximo de São Paulo, o que dá certo mesmo é uma fórmula que nesse primeiro momento se convencionou chamar também de ‘festa de sítio’ (PALOMINO, 1999, p.135)

A divulgação, como nos relembra ABREU (2005), “*era restrita ao boca-a-boca e flyers xerocados a preço de entrada barato entre R\$5,00 e R\$15,00*” (p. 35) e cobrado para todos. Ao contrário de toda a cena *club* na cidade, nessas *raves* não havia lista VIP de não-pagantes e a entrada era cobrada nos termos de uma ‘contribuição’ para custeio dos gastos realizados. “*No ano de 1998 essas festas tornaram-se eventos semanais de jovens e então reuniam regularmente 2 mil participantes, em média, no Estado de São Paulo.*” (p. 36)

ABREU (2005) ainda nos aponta que as *raves* paulistanas que aconteceram entre 1995 e meados de 1998 eram marcadas pela organização cooperativa de núcleos; pela crença de que a festa era realizada para simples diversão; pela existência de uma única

---

<sup>11</sup> Nesse contexto, Clã é utilizado para designar um grupo de amigos que se identificam com uma determinada sonoridade *rave*.

pista de dança; pela circulação dos mesmos grupos de frequentadores e por um forte engajamento entre os participantes.

Essas primeiras *raves* aconteciam pela mobilização voluntária e não-remunerada de diversas pessoas, não todas, nem a maioria, mas em tal proporção que a festa se tornava possível com investimentos tímidos. Os núcleos organizadores das *raves* foram, progressivamente, incrementando seus investimentos e a infra-estrutura dos eventos. Muitas vezes o dinheiro arrecadado numa *rave* era revertido em investimentos que possibilitavam a próxima festa.

Uma boa parte do público dessas festas já havia viajado para o exterior e participado de eventos de música eletrônica em outros países. No início, poucos eram os participantes de uma *rave* que estavam indo a uma festa desse tipo pela primeira vez, e quando era o caso, eram sempre levadas à festa por algum grupo que já conhecia os códigos do evento. O público desses eventos era razoavelmente constante e incrementava o número de participantes pela iniciação de amigos de outras rodas, ou seja, conhecidos da faculdade, da família, do trabalho.

Nessas *raves* a maioria dos presentes se conhecia, ou se reconhecia. Os frequentadores das primeiras *raves* eram, embora se ampliando a cada evento, geralmente provenientes das classes média alta e alta, mas atendiam, situacionalmente, a outras tantas nomeações possíveis: alguns estrangeiros, outros gays, muitos universitários, alguns surfistas, etc. (ABREU, 2004, p. 43)

Reconhecendo peculiaridades das *raves*, Érika Palomino (1999) sintetiza três tipos de tais festividades, comparando as *raves* realizadas no Rio de Janeiro, São Paulo e Londres, apresentado no quadro seguinte:

Quadro 1. Tipos de *Raves* por Érika Palomino (1999)

CIDADE	Londres	Rio	São Paulo
PERÍODO	1988-1992	1993-1996	1995 em diante
SOM	Acid house	House e Garage	Techno e trance
LOCAIS	Galpões e espaços abandonados como hangares, piscinas vazias e campos em fazendas	Casarões e a Fundação Progresso	Sítios fora do perímetro urbano
CARÁTER	Illegal	Alternativo / hype	Alternativo
DROGA	Ecstasy	Special K	Maconha, Ecstasy e LSD.
ORIENTAÇÃO SEXUAL	Hétero	Predominantemente gay	predominantemente hétero.
FAIXA ETÁRIA	15 a 19 anos	20 a 30 anos	17 a 30 anos
RELAÇÃO COM A	Persecutória	Mainstream	Alternativa/simpática

MÍDIA MODO DIVULGAÇÃO PÚBLICO	DE	Boca-a-boca e linhas telefônicas secretas Clubbers e ravers	Flyers e reportagens de jornal Clubbers e barbies	Flyers, coluna Noite Ilustrada e Internet Clubbers, ravers e univertários
O ACONTECIA	QUE	As pessoas dançavam felizes e freneticamente ao som daquele novo tipo de música e se deslumbravam com a droga, também nova, no momento.	Celebração pansexual que reunia artistas e anônimos misturados aos gays mais musculosos e bonitos da cidade.	Sob tendas e panos fluo, jovens tomam contato com a cultura da música underground e deliram nas pistas cobertas de lama, até a tarde do dia seguinte
O LOOK		t-shirt Smiley ou de jogos famosos adaptados, tênis e calça longa, cabelo molhado e despenteado.	Calça jeans e t-shirt branca amarrada na cintura; coturno.	Roupa colorida, tye-die ou fluo; tênis; dread-looks, piercing e tatuagem
LOTAÇÃO MÁXIMA REGISTRADA	JÁ	25 mil pessoas	2.300 pessoas	8 mil pessoas
IDEOLOGIA		Paz e amor	Hedonismo sexual	Paz e amor

O que mais nos interessa no quadro é a questão de que foi esse ‘modelo paulistano’, das primeiras festas *rave*, que serviu de referência principal para outras formas de *raves* brasileiras que surgiram posteriormente.

### **Momento *Mainstream***

A partir de 1998, o aumento de público nos eventos e a diversificação de grupos, o formato e a dinâmica das festas variaram bastante. As festas cresceram, e houve a necessidade de se profissionalizar. Momento então de decolarem as mega *raves*.

Conforme CASTRO (2004), A primeira mega *rave* brasileira foi a *Fusion* de agosto de 1998, que reuniu cerca de 8.000 pessoas. Era uma grande produção que teve apresentação de maracatu, sala de videogame, *bungee jumping*, três pistas e até *chill out* com banda de jazz. Foi a terceira edição da festa, que havia sido lançada em março do mesmo ano, com 1800 pessoas. Em maio, 5000 pessoas compareceram e em agosto o recorde foi batido. Para alcançar essa marca, o investimento também cresceu expressivamente: de R\$ 13 mil investidos na primeira *Fusion*, o núcleo desembolsou R\$ 110 mil na terceira. Nesse momento portanto, começa uma fase de maior profissionalismo e crescimento de público nas *raves*. Improvisações não eram mais permitidas. A partir desse momento, o *soundsystem* tinha de ser da melhor qualidade e

a infra-estrutura impecável: banheiros químicos, equipe de segurança e ambulâncias tornaram-se elementos indispensáveis.

Além de todo o aparato, as mega *raves* traziam DJs de estilos variados. Megavonts (derivada da Avonts), Xxxperience e Fusion eram festas que reuniam as festas que reuniam os fãs de trance, *techno*, *drum'n bass* e *house*. Em 98, surgiu a Groove Nation, primeira *rave* com *line-up* exclusiva de *techno*. “Na época havia um preconceito contra esse som. As pessoas achavam que era **música de ‘mano’, de pobre**. Isso me irritava”, conta o DJ Alex S. que organizava a *rave* com Eli Iwasa. Era o início da **segmentação que passou a colocar de um lado os fãs de trance e de outro os fãs de *techno***. (CASTRO, BEATZ nº 13, 2004, p. 26, grifo meu)

Esse crescimento se deve, principalmente, à presença crescente dos jovens de classes mais baixa nos eventos. O que é identificado como uma nova etapa da prática das *raves*, marcada pelo acontecimento de uma festa que reuniu um público antes não visto. Foi o aparecimento na cena *rave* de um novo personagem: o cybermano.

Cybermano é a denominação que os jovens de classe média e média alta usam para se referir aos jovens *clubbers* de classes sócio-econômicas mais baixas.

Quando aqueles identificados como cybermanos começaram a freqüentar as *raves* paulistanas, a partir de 1998, os já experientes *ravers* brasileiros disseram, nostalgicamente, que a *vibe* tinha acabado. E mesmo sem fazerem uma correlação direta, quando diziam que a festa não tinha sido tão boa era porque tinha “muita gente feia”. “Gente feia” era cybermano. A proposta *raver* de “uma única tribo, de todas as cores, de todas as raças, dançando num só coração” frase recorrente nos *flyers* que convidam para as *raves* [...] não se mostrou suficiente para superar recortes e preconceitos sociais. (ABREU, 2004, p. 63)

As *raves* que passaram a reunir também grupos de cybermanos, geralmente as *mega raves*, impulsionaram o dismantelamento do modelo anterior e a multiplicação de outros formatos de festas *raves* no Brasil. Como uma movimentação paralela às *mega raves*, surgem, quase que imediatamente, as *private raves*. Essas são festas concebidas para um número pequeno, restrito e selecionado de participantes, por volta de trezentas pessoas. Sua realização se dá através de uma política do segredo

Mais espertos que os *clubbers*, os realizadores das *raves* imediatamente percebem que, se não fizeram alguma coisa, vão perder tudo pelo meio dos dedos. Assim, entram em cena (1998 e 1999) as chamadas ‘privates’, que reúnem de 200 a 300 pessoas. Elas rolam sem flyer e sem fins lucrativos; sem divulgação, apenas no boca-a-boca, com os Djs de cada núcleo em diferentes lugares – às vezes até mesmo nos sítios deles. Assim, eles conseguem preservar a ‘vibe’, a energia e a emoção originais do circuito. (PALOMINO, 1999, p. 140)

O movimento de segregação na prática das *raves* – que se operou a partir da identificação dos *cybermanos* – desencadeou outras formas de distinção que se articularam especialmente pela preferência por gêneros diferentes de música eletrônica: o *tecno* e o *trance*. A fim de compreendermos esse sistema de classificações das *raves*, devemos antes considerar um universo mais amplo: aquele chamado de *cena eletrônica*.

Cena Eletrônica refere-se a um universo semântico de discursos musicais, comportamentais, estéticos e ideológicos associados à música eletrônica. A “cena eletrônica” é como um campo imaginado, um espaço de atuação criado pela sua diferenciação em relação a outros espaços da mesma natureza [...] (ABREU, 2004, p. 72)

Mais adiante, a mesma autora amplia o conceito, nos dizendo que a *cena eletrônica* realiza-se pelas práticas de um certo circuito de música eletrônica. O circuito seria a totalidade do conjunto de espaços geográficos (como *night clubs*), de espaços virtuais (*sites*, *chats* na internet) e eventos (como as festas *rave*, ou um algum esporádico festival de cinema) associados ao universo de música eletrônica, onde se dá a interação entre grupos e sujeitos.

Descrevi até aqui o histórico das festas *raves* em nível nacional, mostrando um cenário dinâmico, com recortes espaciais que variam conforme a musicalidade e a classe social.

Observamos também como as festas *rave* no Brasil, se enquadravam naquilo que Hakim Bey chamou de Zonas Autônomas Temporárias, até o momento em que foram sucumbidas pela ação da cultura de massa em nível global.

Seriam as *raves* ainda uma expressão cultural que denota uma TAZ, uma forma de subcultura, após terem sido apropriadas pelo mercado?

## CONSIDERAÇÕES

As primeiras festas, hipoteticamente inventadas na Grã-Bretanha, eram organizadas em galpões ou em locais afastados da cidade. Essas festas chamam a atenção dos jovens e, conseqüentemente, da mídia e das autoridades, transformando-

as em um refúgio para práticas culturais e atitudes comportamentais fora dos padrões da noção de civilidade urbana, como audição de música em alto volume, danças de êxtase e uso indiscriminado de entorpecentes ilícitos.

Por outro lado, o controle que as autoridades impõem sobre a população, e que a população impõe sobre si própria, modificou a maneira de ver esse “estilo de vida”. Já não existe mais o ideal de liberdade, a não ser no discurso de marketing para divulgação das festas.

As *raves* hoje, no Brasil, se transformaram em mais um sistema disciplinar e de controle, não apenas pelos convites pagos e numerados por lotes, mas pelo modo como são pensadas e concebidas: as luzes negras e pulseiras para identificação de convidados e aferição de convites, a segurança, a iluminação intensa como modo de vigilância. Toda sua estrutura, divulgação e organização têm um propósito disciplinar pré-determinado.

Assim como a contracultura gerada em 1970 teve seu fim, a *rave*, como cultura interminável, termina, ou no mínimo entra em crise, a partir do momento em que a TAZ encontra o controle e a disciplina.

A liberdade proposta na divulgação do evento é uma liberdade vigiada. O espaço livre foi substituído pelas cercas de contenção, a livre agência pela disciplina do andar, comer e beber, do vestir, enfim, uma utopia de espaço livre e autônomo.

Se verifica que o que é freqüentemente visto como um momento de ‘liberdade’ e ‘auto-expressão’ é muito mais complexo do que aquilo que normalmente é percebido pelos freqüentadores de *raves*.

Os momentos de ‘liberdade’ são cuidadosamente gerenciados, regulados e monitorados. Longe de ser sobre ‘desprendimento’ e ‘dissolução’ do eu, este momento é claramente sobre a produção de um ‘eu’ extasiado específico. Remete a um trabalho rigoroso com o ‘eu’, mais do que a um relaxamento da autoconsciência.

Para estes freqüentadores, o momento de auto-expressão legítima não consiste em mostrar uma essência desnuda (como o termo auto-expressão sugere), mas em projetar uma imagem bastante específica sobre si mesmo.

Nas festas não se vêem as pessoas como elas ‘realmente’ são. De um lado, o ‘êxtase’ ou estado ‘limite’ é experienciado como um momento em que cada um

simplesmente 'deixa-se levar' e como meio de voltar-se a uma espécie de estado mais 'natural'. Por outro lado, é visto como um momento de não ser indivíduo; um momento onde o indivíduo é 'escondido' por drogas e pela 'irrealidade' geral do evento.

A intenção deste trabalho, não foi diminuir ou menosprezar os prazeres das práticas de *rave*: a real sensação de alívio parece compensar a intensidade dos prazeres muitas vezes incomparáveis que pode produzir, ou a importância central que pode ter na vida de alguém. Pelo contrário, sugeriríamos que as interpretações destas experiências e prazeres sejam desalojadas da linguagem do 'natural' e do essencial que freqüentemente as emolduram e que sejam realocadas enquanto manifestações específicas e pertencentes ao contexto tecnológico/químico/físico mais amplo que constitui a *rave*.

Em resumo, só porque a prática da *rave* pode prover uma liberdade de certas práticas regulatórias mais amplas do dia-a-dia (incluindo, talvez, as práticas interiores envolvidas para manter uma subjetividade mais coerente e racional, necessária para, digamos, trabalhar, ir à escola ou conduzir uma conversa), isso não significa que ela constitua necessariamente um espaço desregulado, uma TAZ. Não há, como se está argüindo, algo como um espaço inteiramente desregulado ou um sujeito essencialmente não-regulado, porque até mesmo a experiência de liberdade pode envolver mecanismos de auto-gestão e regulação.

Ou seja, as festas *rave* hoje no contexto do Brasil, não são territórios autônomos. Pois é nesses territórios festivos que vemos a discriminação social, a afronta dos *bombatrancers* e os *cybermanos*; um cotidiano que possui vida dupla, o 'eu' dentro das *raves* e o 'eu' fora das *raves*; o vazio existencialista, a música eletrônica, através de seus *bpms*, dita a velocidade de nosso tempo, ao mesmo tempo em que suas batidas repetitivas refletem um momento de repouso, de um vazio necessário. Há o brutal culto ao corpo, mesmo que para isso a saúde corra riscos; a abstenção política, ou seja, uma indiferença pelo social, tudo isso vem a refletir no território das festas *rave*, os modos de vida da sociedade como um todo, além da reprodução e afirmação dos seus valores.

Para reafirmar, HAESBAERT (2008) nos aponta que as festas *rave* são territórios disciplinares:

Mesmo em sua efemeridade e "fluidez", é impressionante como estes espaços "de liberdade" estão se transformando em "paraísos seguros" num sentido

totalmente incorporado ao sistema das “sociedades de controle” (ou “de segurança”) [...] reproduzindo sua mesma obsessão pela vigilância, pela “segurança” e pela padronização de comportamentos – numa plena demonstração de como a própria “subversão” é capturada pelo sistema (contanto que fique “no seu lugar”, rigidamente controlado) [...] ( s/n)

## **BIBLIOGRAFIA**

ABREU, Carolina de Camargo. **Raves: Encontros e Disputas**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

ALMEIDA, Thiago André de. **Festas Rave: Entre as Culturas Extremas e a Sociedade de Controle**. Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sob orientação de Yuji Gushiken. Cuiabá, 2007.

BEY, Hakim. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. Tradução de Renato Rezende. 2º ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004. Coleção Baderna.

CASTORIADIS, Cornelius. Introdução: Socialismo e sociedade autônoma. In: **Socialismo ou barbárie**. O conteúdo do socialismo. São Paulo, Brasiliense.

CASTRO, Letícia. **Uma década de raves no Brasil**. *Revista Beatz* nº 13, nov/dez. 2004.

DI MÉO, Guy. **La géographie em fêtes**. Paris: Ed Geophrys, 2001.

FERLA, Marcelo. **Música Eletrônica**. Editora Abril, Coleção para Saber Mais. Rio de Janeiro, 2004. 110 p.

GUSHIKEN, Yuji. **Noites-Máquinas: Comunicação e Subjetividade em Festas Rave**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Rio de Janeiro, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 400 p.

\_\_\_\_\_. **Parecer de qualificação da dissertação intitulada ‘Festas Rave: uma abordagem da Geografia Psicológica na identificação de territórios Autônomos’**. Departamento de Pós-graduação em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, 2008.

\_\_\_\_\_. **Sociedades Biopolíticas de in-segurança e des-controle dos territórios**. Artigo no prelo. Livro da ANPEGE.

\_\_\_\_\_. **Território e Multiterritorialidade: um debate**. Artigo no prelo. Revista GEOgraphia, nº 17.

LALLEMAND, Alain e SCHEPENS, Pierre. **As novas drogas da geração rave: o que sabem vocês, pais?**. Tradução de Ana Rabaça. Piaget editora. Lisboa. 2002. Coleção Epistemologia e Sociedade. 242 p.

MAFESOLLI, Michel. **A parte do diabo**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004. 191 p.

PALOMINO, Érika. **Babado Forte: moda, música e noite na virada do século 21**. Mandarim. São Paulo, 1999.

PINI, Maria. **Práticas de pique: produção e regulação de corpos extáticos no mundo rave**. Tradução de Bruno Galera e Carlos Bencke. <http://members.fortunecity.com/cibercultura/vol7/praticasdepique.html>. Acessado dia 12/11/2007. Trabalho publicado originalmente com o título de: "Peak practices: the production and regulation of ecstatic bodies" In: John Wood (org.): *The virtual embodied*. Londres: Routledge, 1998, p. 168-177.

ROCHA, Camilo. **Já dançou trance?** Revista Época nº 407, março 2006.

\_\_\_\_\_ **O preconceito avança desimpedido na cena: O espírito de tolerância parece estar sumindo da música eletrônica no Brasil.**  
[http://rraurl.uol.com.br/cena/3652/O preconceito avanca desimpedido na cena.](http://rraurl.uol.com.br/cena/3652/O_preconceito_avanca_desimpedido_na_cena)  
Acessado dia 12/11/2007.

SAUNDERS, Nicholas. **Ecstasy e cultura dance.** Publischer Brasil. São Paulo, 1997.  
295 p.

SOUZA, M. J.L. O território : sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento In:  
INÁ, E. C; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R.L. (orgs). **Geografia: conceitos e temas.** 3º  
ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2003.